

# SUMÁRIO

junho 2018



31

18 EDITORIAL  
20 MC DIGITAL

## N A C A P A

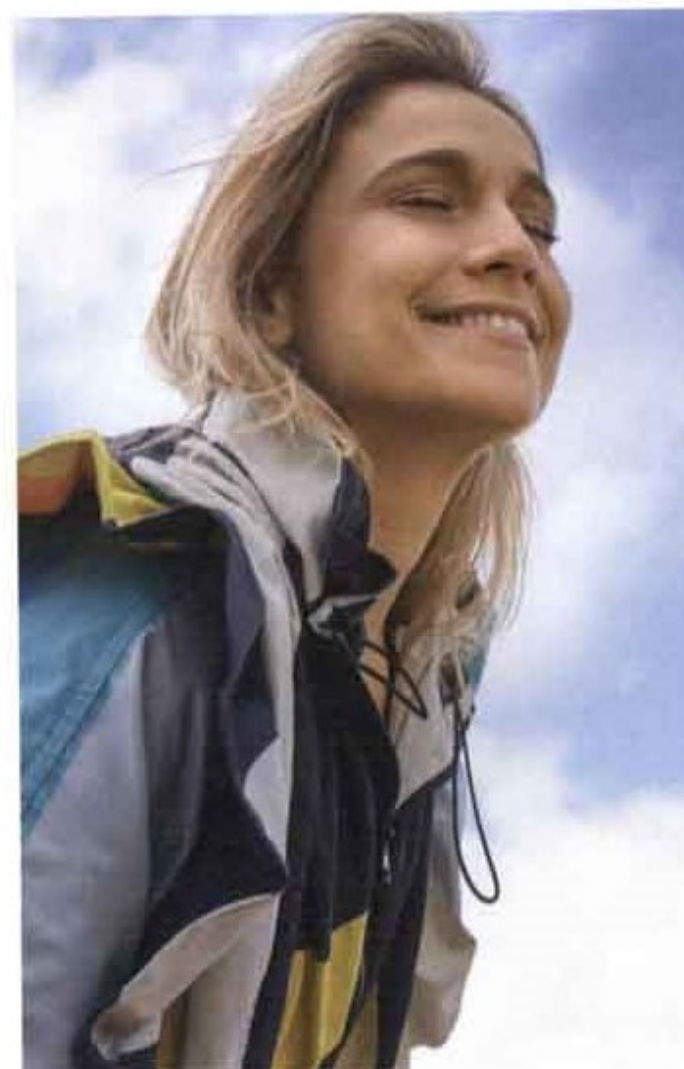
22 **ESPECIAL** No mês da Copa do Mundo, reunimos mulheres que se destacam em profissões dominadas por homens no futebol

44 **INTERNACIONAL** Conheça a editora de moda milionária que pode ser a próxima presidente da Rússia

48 **COMPORTEAMENTO** Amor pós-aplicativo: como a paquera ficou com a entrada da tecnologia nas relações

98 **PERFIL** Os dramas e reinvenções da top Lais Ribeiro, clicada em Nova York

114 **ROSTO** Direto do Congresso Americano de Dermatologia, os ativos e aparelhos para tratar a pele



22

## T E N D Ê N C I A S

32 **INVERNO GLACIAL** O branco domina as texturas da estação

33 **VIDA EM COR DE ROSA**  
A nova bolsa da Giorgio Armani

34 **ESPORTE ÁCIDO** Tons fluo dominam as peças esportivas

35 **PODER** A bota over the knee da Gucci

36 **TRAÇO NADA ÓBVIO** Os delineadores geométricos são hit da temporada

37 **TRIO DELICADO** As fragrâncias cheias de personalidade de Valentino

38 **ESTILO COM CONTEÚDO**  
As franjas invadem a moda

40 **HI-LO** A alfaiataria em tons camelo

## R E P O R T A G E M

52 **ENTREVISTA** Manuela d'Ávila: a pré-candidata mais jovem da história das eleições presidenciais

71 **EU, LEITORA** "Conheci o amor ao adotar uma criança com 10% do cérebro e outra trans"



88

110



# SUMÁRIO

junho 2018

## @ W O R K

68 **CARREIRA** A engenheira brasileira Paula Gomez ganha o prêmio Cartier com dispositivo que prevê crises de epilepsia



40

## C U L T U R A

60 **LITERATURA** Confira entrevistas com Esther Perel e Naomi Wolf, além de uma lista de lançamentos para baixar no Kindle

66 **ESPETÁCULOS** Festivais de música, teatro e cinema levam boas atrações a diversas cidades

67 **RETRATO** Conheça o multiartista americano Donald Glover, autor da música mais polêmica do ano



60

## M O D A

76 **MODA ENGAJADA** Os destaques com propósito da SPFW

88 **VENDAVAL** Peças cheias de movimento para arrasar na temporada



## B E L E Z A

110 **MAKE** Como escolher as bases da vez

118 **BEAUTY NEWS** Vácuo para tratar celulite, desodorantes e outros lançamentos

120 **BELEZINHA** A melancia virou ingrediente de fórmulas de skincare

121 **TENTAÇÕES** Preto ou nude: novos batons líquidos para todos os estilos



## L I F E S T Y L E

124 **VIAGEM** Uma casa no campo: pertinho de São Paulo, o Sítio Glória recebe grupos para vivências

130 **GASTRONOMIA** Sobremesas especiais de encher os olhos

132 **EMBARQUE IMEDIATO** Novidades do spa Fasano, em Angra dos Reis

134 **MEU CANTO** A cineasta Vera Egito abre a sala de sua casa, em São Paulo

136 **HORÓSCOPO**

138 **TENTAÇÃO DO MÊS**

121



Capa banca: Jaqueta Gucci  
Capa assinante: Casaco Valentino.  
Colar Bulgari  
Fotos Gil Inoue (One Stop MGT)  
Edição de moda Larissa Lucchese  
Produção-executiva Vandeca Zimmermann  
Beleza Claudio Belizario (SD MGMT) com produtos Diorskin Forever Undercover e L'Oréal Professionnel  
Styling André Puertas  
Assistente de beleza Karl Payton  
Assistentes de fotografia Johnny Viccari e Fujio Emura  
Produtora de locação Larissa Gomes  
Tratamento de imagem Bruno Rezende

Manuela d'Ávila

# “Sofri muito machismo”

A Manuela que todos conhecem foi eleita a mulher mais bonita da Câmara, causou polêmica ao amamentar sua filha dentro da Assembleia e é fiel apoiadora do ex-presidente Lula. A Manuela que quase ninguém conhece pesou 100 quilos na adolescência, tem transtorno de imagem e chorou no banheiro depois que um deputado colocou literalmente o nariz em seu decote. Aos 36 anos, a pré-candidata mais jovem da história das eleições presidenciais reflete sobre a compulsão alimentar, os erros da esquerda brasileira e a extensão do sexismo no país

Por Carol Sganzerla | Foto Helena Wolfenson

**MANUELA ABRE A** porta da suíte onde está hospedada no hotel Tryp, em São Paulo, vestindo calça xadrez, escarpin preto e uma camiseta com a frase “liberte-se”. A peça virou uniforme de campanha da gaúcha de 36 anos que, pela primeira vez, será candidata à Presidência, pelo PCdoB, partido ao qual se filiou 20 anos atrás, quando cursava jornalismo e ciências sociais e integrava a União Nacional dos Estudantes. “Lute como uma garota” e “Meu corpo é político” são algumas das frases que leva no peito em seu périplo em busca de novos votos e traduzem sua trajetória. Aos 23, foi eleita a vereadora mais jovem de Porto Alegre; aos 25, a deputada federal mais votada no Rio Grande do Sul – feito que se repetiu em 2010. Ganhou o título de musa da Câmara, enfrentou o preconceito por ser mulher e episódios de assédio sexual. “A sociedade machista valoriza as mulheres pelo corpo. Eu era hostilizada por questionar isso.”

Durante a conversa, ela contou que seis anos antes de entrar para a política, carregava outro estigma: foi uma adolescente obesa. Aos 15, pesava 100 quilos e se protegia do

bullying dos colegas sendo a líder da classe. Aos 17, emagreceu 40 quilos em oito meses mudando os hábitos alimentares. Não voltou a engordar, mas desenvolveu um transtorno de imagem que faz com que, ainda hoje, se veja com mais peso do que tem. “Ainda administro minha compulsão por comida”, conta. “Me cuido comendo coisas saudáveis, mas não me recrimino por comer algo de que tenha vontade, principalmente para não inculcar uma neurose na minha filha.”

Ela se refere a Laura, 2 anos e 9 meses, que teve com o músico Duca Leindecker, 48 – Manuela também cria o enteado, Guilherme, 15. Com um discurso acessível, fala o que pensa e rebate as críticas a seus posicionamentos políticos e pessoais nas redes sociais. Isso ficou evidente quando foi rechaçada por amamentar Laura durante uma sessão na Assembleia Legislativa, “Exerço minha maternidade de forma ativa”, diz. Filha do professor universitário Alfredo, 62, e da juíza Ana Lúcia, 68, Manuela teve em casa o exemplo da mãe, que se separou do pai de suas três irmãs, criou as meninas sozinhas e lutou para voltar, desquitada, à faculdade.



No mesmo dia desta entrevista, havia participado de um debate na USP. “No final, alguns me disseram que se surpreenderam com minhas declarações sobre economia. Até o elogio é carregado de machismo. Estou no meu quarto mandato, na sétima eleição, sou mestranda, o que mais preciso ser?”, diz. “Refleti muito sobre se estava disposta a ser julgada 24 horas por dia durante a campanha.” A seguir, as ideias da candidata mulher mais jovem a concorrer à Presidência.

**MARIE CLAIRE Há dois meses, em Curitiba, o apoiador de um candidato adversário gritou, em público, contigo. Te me ser agredida?**

**MANUELA D'ÁVILA** Recebo ameaças pela internet há tempos, mas as agressões não ficam mais só nas redes sociais. Vivo a vida de forma muito livre e isso incomoda. Faço a minha parte denunciando as ameaças a mim e a minha filha. Quando a Laura tinha 2 meses, foi agredida. Assistíamos a um show do meu marido, no interior do Rio Grande do Sul, e ela estava no sling, mamando. Uma mulher começou a dar tapas no sling perguntando se era feito em Cuba. As pessoas acham que comunista só usa coisas de Cuba. Levei semanas para assimilar essa agressão e me senti muito culpada por expor Laura. Demorou para voltar a sair com ela.

**MC Hoje quais cuidados toma para protegê-la da exposição?**

**MD** Sou a única mãe da Laura e exerço a maternidade de forma ativa e consciente. Quando ela crescer, vai saber que dedico minha vida ao combate ao ódio, à misoginia, ao preconceito. Não vou abrir mão de ser mãe dela; ter um filho foi uma opção que fiz. Não posso ser penalizada por um sistema de ódio. Divido com meu marido os compromissos da Laura e não vou fazer com ele o que meus colegas fazem com suas mulheres, que é viver sem administrar a casa nem os filhos.

**MC Como o episódio em que você foi duramente criticada por postar uma foto amamentando sua filha na Assembleia Legislativa, há dois anos, mexeu contigo?**

**MD** Foi muito doído ouvir que não tinha o direito de amamentar porque era deputada, que devia me dar ao respeito. Mas, antes desse episódio, quando a Laura tinha 4 meses, postei uma foto em um perfil fechado, de 200

seguidores, em que ela estava mamando na minha cama e eu dormindo. Comentaram que era um absurdo uma deputada mostrar o peito, “depois reclama do machismo e quer ser respeitada”. Vivemos numa sociedade onde o espaço público ainda não pode ser ocupado pela mãe, a maternidade é colocada como uma prisão. A Organização Mundial da Saúde diz que devemos amamentar até o sexto mês do bebê e prolongar a amamentação até os 2 anos. Mas não te deixam fazer isso publicamente.

**MC O parto dela também foi motivo de críticas na internet.**

**MD** Passei 26 horas em trabalho: comecei a sentir contrações em casa, fui para o hospital e só estava com 1 centímetro de dilatação. Quando cheguei em 7 centímetros, me deram anestesia para alcançar os 10, mas não pegou. Fui levada para fazer cesárea e a anestesia também não funcionou. Então, me doparam e apaguei. Não lembro do momento em que a Laura nasceu. Na manhã seguinte, meu obstetra entrou no quarto e contou que uma médica do hospital tinha postado um relato de como tinha sido. Ela dizia: “Como você, que defende o parto normal, fez uma cesárea?”. Nunca fui contra a necessidade de uma cesárea. Escolhi ter a Laura em um hospital simples da rede privada porque nos grandes hospitais não há quartos preparados, são minúsculos. Passei 20 dias me culpando por não ter aguentado. Depois, o parto vira uma irrelevância, você ganha uma força enorme. Quando processei a médica, o juiz disse que eu era obrigada a conviver com isso porque era deputada.

**MC Outros ataques machistas acontecem porque é bela. Pouca gente sabe, no entanto, que você pesava 100 quilos na adolescência. Como essa mudança de rótulos te afetou?**

**MD** A sociedade machista valoriza as mulheres pelo corpo. Eu era a gorda que depois virou musa. Quando questionava esse rótulo, era hostilizada. As pessoas diziam: “Como você é chata, quem não gosta de ser bonita?”. Lembro de uma revista semanal publicar uma coluna dizendo que, se a Dilma [Rousseff, ex-presidente] arranjasse um namorado, os problemas do Brasil acabariam. Imagine o escândalo que seria dizer que o país poderia retomar seu crescimento econômico se o [presidente Michel] Temer fosse um homem mais viril? É a mesma coisa.

“Foi muito doído ouvir que não tinha o direito de amamentar porque era deputada, que devia me dar ao respeito”

**mc** Você era gorda numa época em que a discussão sobre o respeito a diversos tipos de corpo não existia...

**md** Nunca tive problema na escola, desenvolvi minha sexualidade como gorda. Mas a vaidade era outra, mais intelectual. Vestia legging, camiseta de banda e tênis, não pintava a unha. Hoje, consigo ver o lugar que ocupava: para fugir do bullying, era a engraçada, a líder da turma. Só recentemente percebi, assistindo ao documentário *Embrace [da australiana Taryn Brumfitt, 2016, sobre os impactos dos padrões de beleza na vida das mulheres]* e com a ajuda da terapia, que desenvolvi um transtorno de imagem. Me vejo magra em foto e, quando olho no espelho, me acho gorda. Não consigo me enxergar com o peso que tenho.

**mc** Como trabalha isso?

**md** Me sinto melhor hoje. Depois que identifiquei o transtorno, passei a lidar melhor com meu corpo. Se comer mal, sei que vou ter enxaqueca; se for sedentária, como estou, sinto dor nas costas. Me vigio para não inculir neuroses na Laura. Não me recrimino quando estou comendo alguma coisa, não valoro as pessoas como magras ou gordas.

**mc** O que fez para emagrecer?

**md** Aos 17 anos, copieei a reeducação alimentar de uma de minhas irmãs, a Carolina. Não precisei tomar remédios, não tinha uma questão genética. Emagreci parando de comer dois cachorros-quentes, quatro pães de queijo e quatro Chokitos no intervalo da escola. Em oito meses, perdi 40 quilos. Mas não me livrei da compulsão. Me cuido comendo coisas saudáveis, troquei os litros de refrigerante que tomava por água.

**mc** Como seus pais influenciaram em sua formação?

**md** Minha mãe trancou a faculdade de direito em 1968 para casar com o pai das minhas três irmãs – sou filha do segundo casamento dela. Separou-se antes da Lei do Divórcio e foi tratada como uma “mulher da vida”. Demorou para ser aceita de volta na faculdade, dava aulas de violão. Conseguiu se formar, conheceu meu pai, que era de esquerda mas não militante, teve a mim e a meu irmão e só depois foi aprovada num concurso para juiz. Muita gente diz, em tom pejorativo, “a Manuela é filha de juiz”, sem conhecer a história. Minha mãe sofreu muito preconceito por ser mulher.

**mc** Você já se considerava feminista?

**md** Não achava que o feminismo era importante porque pensava que só na década de 70 as mulheres passavam pelo que minha mãe passou. Queria debater economia, geopolítica, feminismo era uma questão menor. Quando entrei no Parlamento, vi como era o sistema, o preconceito. Já fazia política, era militante do PCdoB havia seis anos, mas não enxergava a dimensão do machismo.

**mc** Se eleita presidente, o que vai fazer pelas mulheres?

**md** O primeiro tema será equiparar a remuneração salarial. No Brasil, uma mulher ganha, em média, 20% a menos. Também vou repensar a estrutura de creches na educação infantil. A ausência de espaços para as mães deixarem os filhos faz com que elas optem por sair do mercado de trabalho. Estou elaborando uma proposta de renda mínima para mulheres e homens em situação de desemprego durante a primeira infância dos filhos. Outro conjunto de medidas é na segurança. Nossas polícias não são dotadas de capacidade investigativa e os homicídios e crimes sexuais têm baixíssimo índice de esclarecimento. Precisamos garantir que os criminosos sexuais estejam presos e que as mulheres consigam viver com dignidade e liberdade.

**mc** O que pensa sobre a legalização do aborto no Brasil?

**md** É um tema de saúde pública e tem que ser tratado assim.

**mc** Você acha que vai ganhar as eleições?

**md** Se a população perceber o conjunto de injustiças às quais estamos submetidos, e que existem responsáveis pela situação de desigualdade que vivemos, sim, posso ganhar a eleição.

**mc** Qual é o principal propósito de sua campanha?

**md** É ganhar as eleições, fazendo um debate com a sociedade sobre as saídas para a crise econômica, sobre um caminho de desenvolvimento que permita combater a desigualdade. Concorro para ganhar. Mas fazer política, para mim, é mais do que ganhar: é a principal forma de apresentar um projeto de Brasil desenvolvido e sem injustiça.

**mc** Que erros a esquerda cometeu nos últimos anos?

**md** Faltou um projeto de desenvolvimento nacional e nitidez no rumo econômico do país. Os governos foram comprometidos com a diminuição da desigualdade social, a

“Toda a minha geração fumou um baseado alguma vez na vida, né? Mas a droga que demorei sete anos para me livrar foi o cigarro”

democratização do acesso ao ensino superior, a valorização do salário mínimo. Mas não fizemos a reforma tributária e não enfrentamos a questão da violência, considerando que eram de responsabilidade constitucional dos estados. Já tínhamos que ter adotado medidas nacionais de segurança pública, investimento em inteligência, feito o debate da tributação das drogas e a utilização do recurso para a reparação de áreas que vivem sob violência.

**mc A corrupção aumentou nos governos do PT?**

**md** O combate à corrupção cresceu com o PT e, por consequência, sua visibilidade. Lula investiu na criação de superintendência, a Polícia Federal foi equipada, deu autonomia à Procuradoria-Geral da República e aprovou leis de transparência. Algumas pessoas participaram de esquemas de corrupção, foi provado e elas foram julgadas. A ideia generalizada de envolvimento de todo o partido abstrai o fato de que foram alguns indivíduos e a maior parte em proveito próprio.

**mc Você se questiona sobre a aliança que fez com o partido?**

**md** Não tem por que me questionar porque a aliança é fruto de um programa, de projetos em comum, e as divergências sempre foram apresentadas. O PCdoB, por exemplo, desde 2003 apresentou críticas à política macroeconômica.

**mc Você ficou ao lado do ex-presidente Lula no Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, nos dias que antecederam sua prisão. Como foram esses momentos?**

**md** Na quinta-feira à noite, no dia 5 de abril, era aniversário do Duca. Estávamos jantando em casa, parei tudo e fui abraçar o presidente em São Paulo. Na sexta-feira, às 23h, voltei para Porto Alegre e busquei Laura, tinha prometido a ela que a gente viajaria. Embarcamos às 5h da manhã de volta a São Bernardo, no sábado. Chorei na missa que ele fez para a Marisa. Até o último minuto, vi o Lula igualmente forte, fazendo as mesmas brincadeiras. As pessoas que estavam ao lado dele foram as que estiveram a vida inteira, eram metalúrgicos, trabalhadores; estes, inclusive, cuidavam do entra e sai dos portões. Levei uma mochila enorme com banana, uva, biscoito de polvilho, mamadeira, brinquedo, massinha de modelar, era um kit de sobrevivência. No sábado, às 16h, uma hora antes de

o Lula sair do prédio, imaginando que teria resistência de alguns militantes, como teve, fui embora com a Laura. No último contato que tivemos, estava preocupado se eu tinha almoçado a feijoada que serviram.

**mc Qual foi o maior episódio de machismo pelo qual passou?**

**md** No Congresso, em 2013, num debate que envolvia o ex-ministro José Eduardo Cardozo (PT), meu ex-namorado, um deputado de São Paulo [*Duarte Nogueira (PSDB)*] me provocou dizendo que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. Ocupei espaços que poucas mulheres ocuparam, fui líder de bancada, presidente da Comissão dos Direitos Humanos, relatora do Estatuto da Juventude e continuo sendo julgada. É cansativo. Eu e o Zé namoramos por três anos, tínhamos 22 de diferença. Sofri muito machismo. Se a gente está solteira, é mal-amada ou está dando para todo mundo; se está casada, está fora do mercado.

**mc Já foi vítima de assédio sexual?**

**md** Em diversas ocasiões. Em um dos episódios, logo que tomei posse como vereadora, em 2004, chegou um político [*já falecido*], que era baixinho, colocou o nariz perto do meu peito e disse: “Que decote, hein, vereadora?”. Falei algo que não me lembro e saí para chorar no banheiro.

**mc Você faz terapia?**

**md** Procurei a terapia dez anos atrás, por causa da morte da minha avó paterna. Estava trabalhando muito na época [*como deputada federal*] e a via menos do que gostaria. Esse é o meu maior arrependimento na vida, ela era muito importante para mim. Com a morte dela, passei a cuidar mais das pessoas que amo. Quando comecei a namorar o Duca [*em 2012*], me apeguei ainda mais a esse propósito.

**mc Já teve experiências com drogas?**

**md** Toda a minha geração fumou um baseado alguma vez na vida, né? A droga que demorei sete anos para me livrar foi o cigarro. Fumei dos 13 aos 29 anos, muitas vezes três maços por dia. É uma droga lícita, larguei sem remédio, foi sofrido. Mas o debate sobre drogas no Brasil não pode ser moral. Perdemos 40 mil vidas por ano na guerra às drogas. Acho simplista dizer que legalizar resolve. Temos que buscar outros caminhos. ■